

LAR, AMARGO LAR

Por **Guilherme Casarões e Luiz Feldman**²⁹

Difícil imaginar quantas histórias a década de 1940 tem para contar, especialmente ao se tratar do curso de eventos nos ainda protetorados do Oriente Médio. A proteção, contudo, era apenas formalidade para indicar que potências europeias ainda detinham as rédeas da região. Na prática, o que se observou durante aqueles anos foi o declínio do Reino Unido e da França, mandatários de grande parte daqueles territórios, e a construção de um mundo árabe independente.

E o Oriente Médio inicia sua história recente com grandes abismos entre vizinhos. De um lado, o Líbano, modelo do sucesso pós-colonial e tido como grande exemplo de tolerância religiosa. Dos outros, países tomados pela violência e pela instabilidade. Naturalmente, havia certa fragilidade nas relações entre cristãos maronitas e muçulmanos, os dois principais grupos religiosos libaneses, mas ela seria somente evidenciada em 1958, momento da primeira insurreição civil naquele país. Neste ínterim, a imagem do Líbano para seus vizinhos e para o mundo permanecia positiva.

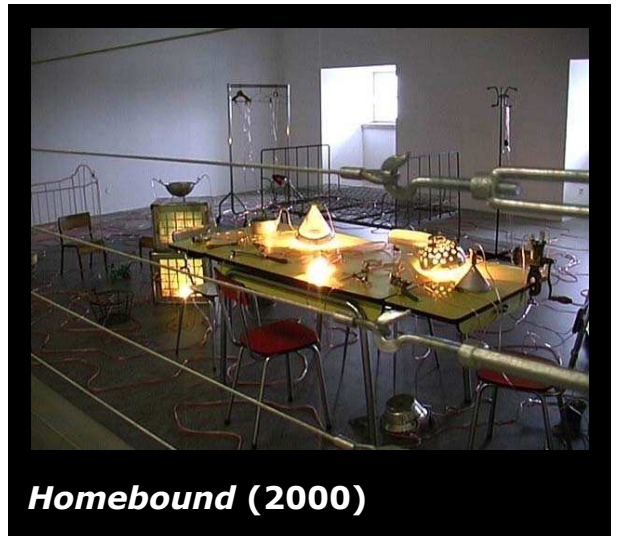
Nada mais natural, portanto, que o Líbano se tornasse um pólo receptor de refugiados árabes da região da Palestina, à medida que a situação deteriorava-se entre estes últimos e o povo judeu que lá se firmava na esteira do sionismo. Entre 1946 e 1949, num momento anterior e logo após a independência de Israel, muitos encontraram refúgio em território libanês, fazendo daquele o seu segundo lar. Nesse contexto que nasceu, em 1952, a artista plástica Mona Hatoum, libanesa de família palestina, sobre cujo trabalho este ARS lança luz.

A obra de Mona Hatoum apresenta uma boa medida da situação atual de sua região de origem. Seu trabalho, de significativa repercussão na cena artística internacional contemporânea, reflete seu *background* de exilada na Europa desde o início da guerra civil libanesa em 1975.

Homebound, instalação do ano 2000 exposta na Documenta 11 (exposição quadrienal na cidade de Kassel, Alemanha), é obra que pode parecer informada tão-somente pela causa palestina, com contornos panfletários alusivos à necessidade de paz ou do Estado árabe da Palestina. No entanto, esta avaliação perde força imediatamente após uma análise mais detida sobre o propósito da obra, a qual fornece insumos para uma ampla interpretação do contexto dos assuntos árabes da atualidade. *Homebound* é uma instalação na qual se compõe um ambiente mobiliado com peças de quarto e sala, todas as quais são interligadas por fios de alta tensão. O espaço é protegido da interação do público por cabos de aço dispostos horizontalmente em relação ao espaço ocupado pela instalação.



***Incommunicado* (1993)**



***Homebound* (2000)**

²⁹ Os autores agradecem a contribuição de Walter José de Aguiar Mendes, das conversas com quem se beneficiaram para a produção desse artigo.

Uma breve avaliação do título da obra pode levar-nos a algumas especulações. Tem-se, aqui, a *volta para casa*, para o *lar*. Seria o *lar* de Mona Hatoum a região palestina – numa interpretação mais imediata – e o *retorno* o desejo da criação de um Estado árabe no local? Um segundo olhar sobre *Homebound* poderia indicar a vontade da volta ao Líbano, país que acolhera sua família e do qual a artista exilou-se devido à violência que se instaurou desde meados da década de 1970. Talvez, indo além das visões mais óbvias, a artista esteja paulatinamente trilhando um caminho de volta ao *lar*, um *lar* ideal, que ainda não foi construído ou estabelecido. Isso porque não é possível afirmar que sua instalação *Homebound* seja a representação de seu ambiente familiar, mas sim de seu *oposto*, entendendo que duas coisas que permeiam a imagem criada pela artista são o *estranhamento* e a *dificuldade/impossibilidade de acesso*.

Há dois elementos fundamentais nesta obra que se reproduzem vigorosamente na cena regional do Oriente Médio. A impraticabilidade de acesso representada pelos cabos de aço parece atestada pelo sensacionalismo recentemente feito sobre um agente de viagens inglês que planeja levar turistas para regiões conflituosas do Iraque, ou pelo conjunto de impedimentos impostos a palestinos e judeus sob forma do muro construído pelo governo de Israel na Cisjordânia com o alegado propósito de diminuir atentados terroristas em seu território. E o ambiente de risco doméstico, inequivocamente representado pela corrente elétrica transportada pelos fios que perpassam todos os elementos constitutivos do ambiente da instalação, pode ser relacionado às tantas instabilidades e incertezas que pautam a agenda política, econômica e social no Oriente Médio. O terrorismo em Israel, a opressão na Palestina, o conflito no Iraque e os desenvolvimentos incertos no Irã são exemplos.

É possível, similarmente, focar a análise de *Homebound* em elementos-chave da experiência pessoal da artista. A repressão e o isolamento vivido pelo povo palestino, principalmente dentro do território israelense, são traduzidos pelos cabos de aço, e o estranhamento torna-se claro a partir dos fios de alta tensão. Partindo-se deste ponto de vista, é possível visualizar a dificuldade de Hatoum, como uma metonímia dos palestinos, em sentir-se em casa mesmo em seu próprio *lar*.

Em outra obra, *Incommunicado*, de 1993, um berço de bebês é reconstruído com barras de metal, algo que é descrito pela legenda da obra, pertencente à coleção do museu britânico Tate Modern, como uma “transformação de um símbolo de conforto e de refúgio em um espaço claustrofóbico que sugere um lugar de tortura e prisão”.³⁰ Hatoum utiliza percepções corporais e a experiência do deslocamento como fio condutor de sua obra, sem descurar do elemento catalítico central que é a crítica política. Nesse sentido, para além do drama pessoal vivenciado pela artista, algumas analogias entre sua obra e o Oriente Médio são inevitáveis.

O Líbano também se encaixa na construção visual da artista por sua história recente. No decorrer das décadas de 1970 e 1980, além da guerra civil que abateu o país, houve sucessivas intervenções por parte do exército sírio e de Israel e claro desrespeito à soberania daquele povo. Tomando como base o ano que talvez tenha sido o mais dramático para os libaneses, 1982, é possível entender os cabos que contornam a obra como o cerco israelense e sírio ao Líbano³¹ e a fiação elétrica sendo o símbolo da insegurança vivida pelo povo, especialmente pelos refugiados palestinos e suas famílias. Vale lembrar que naquele mesmo ano ocorreu um dos episódios mais dramáticos dentro do conflito no Oriente Médio, o massacre de *Sabra e Chatila*, em que os próprios libaneses, com a conivência das Forças de Defesa Israelenses que ocupavam Beirute à época, assassinaram aproximadamente 3.000 civis nos campos de refugiados palestinos acima referidos.

Os eventos de Sabra e Chatila podem ser igualmente observados em *Incommunicado*, de 1993. Campos de refugiados, ou guetos, por mais precárias que sejam as condições de vida em seu interior, ainda mantêm a unidade de um povo deslocado e, portanto, a sobrevivência do conceito de *lar*. O que era, então, destinado a ser um refúgio ou um conforto, assume o caráter claustrofóbico e de medo quando há a percepção e a demonstração da rejeição por parte daqueles que antes acolhiam. Há o grito por socorro, ou o choro – recurso natural de recém-nascidos em situações adversas –, que não é ouvido, que é “incommunicado”.

Algo que confere ainda mais peso ao impacto dessa obra de Hatoum é a permanência, ainda em meados da década de 1990, da condição de guerra civil no Líbano. No ano de *Incommunicado*, nem a situação libanesa, nem tampouco a condição dos palestinos que ali viviam, havia melhorado consideravelmente. Israel ainda mantinha suas tropas em pontos estratégicos ao sul do território libanês, e muito havia se deteriorado desde a primeira Intifada palestina, seis anos antes. O título reflete, portanto, essa tensão ainda presente, contemporânea à obra e mesmo nos dias atuais, quando a insegurança, a repressão e a ausência de comunicação continuam a prevalecer por todas as partes.

³⁰ Tradução livre. Tate Modern, From the display caption in November 2002. Disponível em www.tate.org.uk. General Highlights/Work/Mona Hatoum *Incommunicado*, 1993

³¹ A Síria, supostamente autorizada pelo governo libanês, mantinha posições no Líbano desde 1976; Israel, por sua vez, como forma de combater o terrorismo da OLP – Organização para a Libertação da Palestina, realizou duas grandes incursões no Líbano: a “Operação Litani”, em 1978, e a famosa “Operação Paz para a Galiléia”, em junho de 1982, quando chegou até Beirute e manteve, por algum tempo, a cidade sob seu controle.

De volta a *Homebound*, uma interpretação alternativa de seu simbolismo pode apontar para uma crítica, ou um lamento, à dissolução dos vínculos familiares tão presentes no *lar* – e de seu esvaziamento. A mobília da casa representada é exposta de forma crua, seca, sombria; não há pessoas, tampouco possibilidade de entrar ou sair. A luta pela liberdade, ou pelos direitos de um povo, transcendeu a idéia de família: hoje, o desperdício de vidas é corriqueiro, cotidiano; pessoas morrem, sejam elas pais ou filhos, e tudo o que resta é o vazio de uma casa.

Homebound e *Incommunicado* são veementes demonstrações do legado ambivalente de vida e morte no Oriente Médio. Entre os incontáveis esforços pela paz e os aparentemente intransponíveis obstáculos ao perene estabelecimento desta, Mona Hatoum instiga com sua obra a reflexão sobre o conflito na região. Uma centelha de esperança sobrevive com sua arte, na certeza de que continuará o debate sobre possibilidades de conciliação futura.